



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Marcela da Luz Lesuk

Imaginação e imitação na brincadeira de papéis sociais

Florianópolis
2024
Marcela da Luz Lesuk

Imaginação e imitação na brincadeira de papéis sociais

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada no Curso de Pedagogia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Carolina Picchetti Nascimento.

Florianópolis

2024

Lesuk, Marcela da Luz
Imaginação e imitação na brincadeira de papéis sociais /
Marcela da Luz Lesuk ; orientador, Carolina Picchetti
Nascimento, 2024.
53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Brincadeira de papéis sociais. 3.
Teoria Histórico-cultural. 4. Imaginação. 5. Imitação. I.
Nascimento, Carolina Picchetti. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Marcela da Luz Lesuk

Imaginação e imitação na brincadeira de papéis sociais

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de licenciada e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia.

Florianópolis, 19 de julho de 2024.



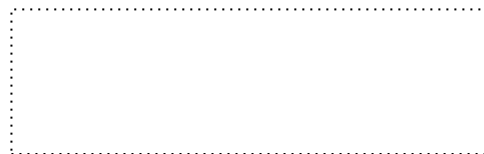
Coordenação do Curso

Banca examinadora



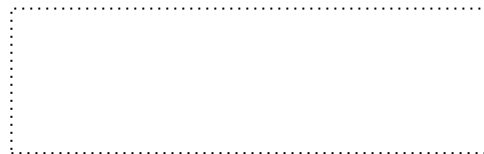
Prof.(a) Carolina Picchetti Nascimento, Dr.(a)

Orientador(a)



Prof.(a) Kátia Adair Agostinho, Dr.(a)

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.(a) Maria Aparecida Lapa de Aguiar Dr.(a)

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024.

Esse trabalho é dedicado a todos(a) que admiram e defendem a Psicologia
Histórico-Cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

Aos meus pais que sempre me apoiaram durante toda a trajetória acadêmica, sobretudo, nessa reta final de curso. Agradeço por confiarem tanto em mim e por me incentivarem a seguir meus objetivos. Vocês são meu porto seguro!

Às minhas avós por sempre me encorajarem e compartilharem sobre suas experiências e vivências como professoras.

Às minhas amigas de infância por estarem sempre ao meu lado e que compartilham da mesma empolgação que eu pelas minhas conquistas acadêmicas.

Às minhas colegas e amigas da UFSC, especialmente, Raquel, Victoria e Yasmin pela parceria e apoio nos momentos de instabilidade emocional durante a graduação.

À minha orientadora Carol, lembrarei com carinho sua dedicação e paciência. Muito obrigada por sempre me tranquilizar e ser tão atenciosa! Com toda certeza é um exemplo de orientadora e professora.

À pedagoga Camila, pelo apoio nessa etapa final de curso e por sempre ser tão atenciosa e dedicada. Obrigada por todas as palavras e conselhos, e por sempre me escutar!

Aos meus professores do curso de pedagogia que tiveram um papel essencial nessa trajetória, por terem ampliado a minha perspectiva em relação à docência. Em especial, às professoras Carolina Picchetti, Simone Souza, Maria Aparecida Aguiar, Carolina Cardoso e Maria Helena Michels.

“A imaginação não é um divertimento caprichoso do cérebro, algo que paira no ar, mas uma função vitalmente necessária” (Vigotski, 2014, p.10).

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo central analisar e sistematizar a relação entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis sociais, fundamentando-se nos estudos da Teoria Histórico-Cultural. Foram formulados três questionamentos centrais que permearam a investigação: como é desenvolvida a imaginação na brincadeira de papéis sociais? Qual o vínculo entre a imitação e a imaginação na situação imaginária? Qual a diferença entre imaginação e situação imaginária na perspectiva Histórico-Cultural? Metodologicamente o trabalho foi organizado a partir de duas ações metodológicas: o diálogo com alguns dos autores clássicos da Teoria Histórico-Cultural que conceituam a brincadeira de papéis sociais e a imaginação na infância, sobretudo, Leontiev (2010) e Vigotski (2008; 2014); e a revisão de artigos contemporâneos que investigaram a relação entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis sociais. A síntese desse trabalho constituiu-se em três relações centrais, formuladas nas seguintes temáticas: a imaginação e a imitação atuam de modo interdependente na brincadeira de papéis sociais e ambas cumprem uma função de instrumento para a atividade de brincar da criança; a atuação docente, ou de pessoas mais experientes na brincadeira de papéis sociais, contribui para o desenvolvimento da imaginação e da imitação na atividade de brincar de cada criança; e a imaginação na brincadeira é sempre uma aproximação da realidade, mesmo que isso envolva imagens distantes ou “fantásticas” .

Palavras-chave: imaginação; imitação; brincadeira de papéis sociais; teoria histórico-cultural; mediação.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos selecionados para análise	38
--	----

SUMÁRIO

1 A BRINCADEIRA, A IMITAÇÃO E A IMAGINAÇÃO: PONTO DE PARTIDA	11
2 OS CONCEITOS DE IMAGINAÇÃO E DE BRINCADEIRA NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	16
2.1 SISTEMATIZAÇÃO DO CONCEITO DE IMAGINAÇÃO NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	21
2.2 A SITUAÇÃO IMAGINÁRIA NA BRINCADEIRA DE PAPÉIS SOCIAIS.....	30
3 DIALÓGOS COM A LITERATURA CONTEMPORÂNEA: RELAÇÃO ENTRE IMAGINAÇÃO E IMITAÇÃO.....	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	52

1 A BRINCADEIRA, A IMITAÇÃO E A IMAGINAÇÃO: PONTO DE PARTIDA

A brincadeira é um dos temas que mais aparece nas rodas de conversa e nos trabalhos acadêmicos dos sujeitos que atuam e que estudam na área da Pedagogia. Alguns leigos podem pensar que essa temática seja central no campo da Pedagogia, considerando que é aquilo que as crianças mais gostam de fazer ou que mais fazem durante a infância. No entanto, para aqueles que têm conhecimento na área pedagógica, enxerga-se a brincadeira como uma atividade que possibilita um maior salto no desenvolvimento da criança (como a empatia, a autonomia, a imaginação, dentre outras características próprias do ser humano). Sendo assim, a brincadeira – assim como a música, a literatura, as ciências - apresenta-se também como um meio que pode contribuir para o processo de humanização da criança. Contudo, pode-se perguntar: qual a especificidade da brincadeira nesse processo de formação da criança? Se a brincadeira contribui para o desenvolvimento de capacidades como a imaginação e, se ao brincar, a criança, muitas vezes, imita papéis, como se relacionam a imaginação e a imitação?

A inspiração para essa pesquisa de trabalho de conclusão de curso surgiu durante os estágios obrigatório e não obrigatório na Educação Infantil, nos quais presenciei frequentemente a brincadeira de papéis sociais, conhecida também como brincadeira de faz de conta ou jogo protagonizado. A partir das observações e mediações realizadas nessas brincadeiras foram surgindo reflexões e inquietações. Apesar desse tipo de atividade ser muito citada e, até mesmo, considerada como objeto de estudo nas disciplinas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ainda me restavam curiosidades a respeito dessa brincadeira, sobretudo, em relação à questão da relação entre imaginação e imitação.

Durante o curso de graduação participei de algumas disciplinas que abordavam a brincadeira de papéis sociais, dentre elas, destacam-se: Psicologia, Educação e Infância (na segunda fase), Infância e Educação do Corpo (na sétima fase) e Alfabetização na Perspectiva do Letramento (na oitava fase). Dessas, a que mais se aprofundou na sistematização do conceito e das características da brincadeira foi a disciplina Infância e Educação do Corpo. A partir dos estudos dessas disciplinas meu repertório em relação aos conhecimentos sobre a brincadeira de papéis sociais foi se expandindo, mas simultaneamente a curiosidade a respeito dessa temática também.

Mais para o final do curso me engajei e me aproximei mais de algumas obras ¹ dos autores clássicos da Teoria Histórico-Cultural, que abordavam o conceito da brincadeira de papéis sociais e suas singularidades. Além disso, nessa mesma época assisti uma defesa de um TCC do curso de Pedagogia, cuja temática se relacionava à brincadeira de papéis sociais².

Durante a organização do processo de elaboração do presente Trabalho de Conclusão de Curso, pesquisei no repositório institucional da UFSC os trabalhos de conclusão de curso de Pedagogia que focavam no tema da brincadeira de papéis sociais, resultando em dois textos³: “A brincadeira de papéis sociais e a formação dos afetos na infância” de Kely Chaves (2023) e “O desenvolvimento da brincadeira de papéis sociais na educação infantil: considerações sobre a atuação docente e os processos de organização do ensino” de Nina Ham (2021). Após essa busca me certifiquei ainda mais que continuaria com a temática “Imaginação e Imitação na Brincadeira de Papéis Sociais”. Destaca-se que a leitura desses trabalhos também ampliou meus conhecimentos sobre a caracterização dessa brincadeira e, conseqüentemente, o enriquecimento da produção do meu TCC.

Posto isso, considero pertinente descrever as ideias principais desses primeiros trabalhos de TCCs que foram lidos para mostrar em que sentido ambos auxiliaram na minha pesquisa. Primeiramente, o TCC com o título “A brincadeira de papéis sociais e a formação dos afetos na infância” (Chaves, 2023), destacou como objetivo, compreender as relações específicas entre a brincadeira de papéis sociais e a formação dos afetos nas crianças. Para isso, apresentou as características da brincadeira de papéis sociais a partir da perspectiva Histórico-Cultural e dialogou com algumas produções contemporâneas que associavam a brincadeira de papéis sociais com a formação dos afetos nas crianças. Outro ponto importante que esse TCC trata, é a questão de como a brincadeira pode contribuir para que as crianças desenvolvam um pensamento crítico a respeito de relações estereotipadas, de violência e preconceito. Como ação metodológica, são trazidas algumas situações empíricas envolvendo a brincadeira e que permitiram à autora retratar a questão da formação do afeto.

¹ Vale salientar que essas indicações foram da minha orientadora (prof. dra. Carolina Picchetti).

² A defesa de TCC a qual assisti é: “A brincadeira de papéis sociais e a formação dos afetos na infância” de Kely Chaves (2023).

³ É importante evidenciar que a busca foi com a palavra-chave “brincadeira de papéis sociais”, com a palavra “brincadeira” aparece outros resultados.

Já o TCC com o título *O desenvolvimento da brincadeira de papéis sociais na educação infantil: considerações sobre a atuação docente e os processos de organização do ensino* (Ham, 2021), apresenta como objetivo geral, discutir o processo de organização do ensino da brincadeira de papéis sociais na educação infantil. O trabalho aborda as relações entre a formulação de desenvolvimento humano na Teoria Histórico-Cultural e o processo de organização de ensino, mostrando a especificidade do conteúdo e da forma da brincadeira de papéis sociais. Ademais, traz a discussão sobre os elementos e critérios pedagógicos para a organização da brincadeira de papéis sociais.

Nota-se que ambos os trabalhos focam em propósitos distintos em relação à brincadeira de papéis sociais, porém enfatizando as características específicas dessa atividade e de seu conteúdo. A temática sobre “imaginação e imitação” não se constituiu em foco desses trabalhos, mas seguia me mobilizando como um possível objeto de pesquisa.

Posteriormente a essas leituras, e ainda como uma ação de aproximação da definição dos objetivos da presente pesquisa, fiz uma nova busca no repositório institucional da UFSC, dessa vez pesquisando os TCCs do curso de Pedagogia que continham a palavra-chave “imaginação”. Foram encontrados 18 TCCs com essa palavra-chave, porém nenhum com destaque para a imaginação na brincadeira de papéis sociais na perspectiva Histórico-Cultural. A maioria dos TCCs abrangiam a imaginação inserida na narrativa e na literatura infantil. Apenas dois desses 18 trabalhos citaram a abordagem de Vigotski na estrutura do resumo, porém um deles envolvia a narração de histórias e o outro abordava as brincadeiras na brinquedoteca.

Ao mesmo tempo em que, com essas leituras iniciais, buscava-se definir o objeto de investigação deste Trabalho de Conclusão de Curso, buscava-se também melhor definir a fundamentação teórica da pesquisa. A escolha da Teoria Histórico-Cultural como fundamentação teórica desse trabalho, deve-se ao fato de ser uma abordagem muito discutida no curso de Pedagogia e, também, por essa Teoria se aprofundar nos estudos sobre a brincadeira de papéis sociais. A Teoria Histórico-Cultural tem como fundamento principal o desenvolvimento do psiquismo humano por meio da atividade social. Considera que as funções psicológicas superiores (dentre elas, a imaginação) dependem da atividade cerebral, o que significa que têm uma base biológica, mas fundamentalmente são resultados da interação do indivíduo com o mundo, interação mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos (Facci,

2006). Portanto, essa Teoria ajuda a compreender a relação da criança com o mundo exterior e seus elementos históricos e sociais.

Diante deste contexto de aproximação da temática da presente pesquisa, apresentamos três questionamentos centrais que permearam a investigação: Como é desenvolvida a imaginação na brincadeira de papéis sociais? Qual o vínculo entre a imitação e a imaginação na situação imaginária? Qual a diferença entre imaginação e situação imaginária na perspectiva Histórico-Cultural?

Assim, com a intenção de responder a essas questões, formulamos o seguinte **objetivo geral**: analisar e sistematizar a relação entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis sociais. E elegemos os seguintes **objetivos específicos**: 1. Refletir sobre o conceito de imaginação a partir dos fundamentos da Teoria Histórico-Cultural; 2. Caracterizar a especificidade da situação imaginária na brincadeira de papéis sociais; 3. Mapear e interpretar a relação entre a imaginação e a imitação na Literatura Contemporânea.

Para respondermos às perguntas apresentadas e concretizar os objetivos propostos, a pesquisa foi organizada em duas ações metodológicas. Uma primeira ação foi a investigação bibliográfica, em diálogo com alguns dos autores clássicos da Teoria Histórico-Cultural, que abordam a brincadeira de papéis sociais e o conceito de imaginação na infância, sobretudo, Leontiev (2010) e Vigotski (2008; 2014). A segunda ação foi a revisão de artigos contemporâneos que investigaram a relação entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis sociais.

A respeito da investigação bibliográfica, foi realizado um estudo de algumas obras de autores clássicos da psicologia Histórico-Cultural, destacando-se: *Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar* - A.N. Leontiev (2010); *A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança* - L. S. Vigotski (2008); *Imaginação e criatividade na infância* - L. S. Vigotski (2014). Este último, destacamos como uma obra primordial para esse Trabalho de Conclusão de Curso, contudo, é importante salientar que, nessa investigação, utilizamos também alguns autores contemporâneos que foram fundamentais para se pensar a imaginação na brincadeira, dentre eles destacamos o texto das autoras Batista, Silva e Pasqualini (2021): *Desenvolvimento do psiquismo na idade pré-escolar: formação da imaginação e requalificação dos processos emocionais* e dos autores Arce e Duarte (2006): *Brincadeira de papéis sociais na educação infantil*. Também se destaca o estudo dos TCCs mencionados anteriormente: *O desenvolvimento da brincadeira de papéis*

sociais na educação infantil: considerações sobre a atuação docente e os processos de organização do ensino (Ham, 2021); “A brincadeira de papéis sociais e a formação dos afetos na infância” (Chaves, 2023).

Acerca dos estudos contemporâneos, realizou-se um levantamento no banco de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com palavras-chaves que permitissem abarcar a temática desta pesquisa e cumprir o objetivo de compreender as relações específicas entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis sociais, resultando em cinco artigos que foram efetivamente analisados. No terceiro capítulo deste trabalho será explicitada, de forma mais detalhada, esta etapa metodológica da pesquisa.

Sendo assim, esse trabalho de Conclusão de Curso foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo (introdução) explica-se a justificativa pessoal, os objetivos da pesquisa, as referências teóricas, a problemática e as ações metodológicas realizadas. No segundo capítulo, é explicitado o conceito de imaginação e de brincadeira na perspectiva Histórico-Cultural, abarcando a sistematização do conceito de imaginação e de situação imaginária na brincadeira de papéis sociais. No terceiro capítulo, por meio de um diálogo com as produções contemporâneas, discute-se a relação entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis sociais. Nesta seção, lapidamos o conceito de imaginação, mas inserindo-o na relação com a imitação. Por último, tecemos algumas considerações finais, buscando sintetizar os resultados da presente pesquisa.

2 OS CONCEITOS DE IMAGINAÇÃO E DE BRINCADEIRA NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Antes de abordarmos a sistematização do conceito de imaginação e como ela se desenvolve na infância, é importante refletir sobre a brincadeira de papéis sociais. Para os principais autores da Teoria Histórico-Cultural, o desenvolvimento da criança pode ser explicado por estágios, os quais são representados por uma “atividade principal”, isto é, uma ação central em que ocorrem as mudanças mais significativas nos processos psíquicos do indivíduo. Essa atividade principal corresponde a uma forma de se apropriar do mundo e das relações sociais. De acordo com Elkonin (1987, apud Facci, 2006, p.13), os principais estágios de desenvolvimento pelos quais os sujeitos passam são: comunicação emocional do bebê (primeiros meses), atividade objetual manipulatória (primeira infância), jogos de papéis sociais (segunda infância/idade pré-escolar), atividade de estudo (idade escolar), comunicação íntima pessoal e atividade profissional/estudo (adolescência).

Nesse trabalho, iremos nos debruçar especificamente sobre a atividade principal “brincadeira de papéis sociais”⁴. Sabemos que a brincadeira é um meio para que a criança se aproxime do mundo dos adultos – mundo esse no qual ela atua desde que nasce – sendo uma atividade em que ocorrem mudanças psíquicas importantes. Mas como podemos caracterizar a brincadeira? O que podemos observar no desenvolvimento da criança por meio da brincadeira de papéis sociais?

Para Leontiev (2010), a brincadeira é caracterizada pelo fato de seu alvo residir no próprio processo e não no resultado da ação. Então, quando uma criança está brincando, por exemplo, de mamãe e filhinha, ela não está preocupada em efetivamente cuidar de uma criança (realizar o produto da atuação dos cuidados parentais), mas sim de incorporar perfeitamente o papel da mãe ou outro cuidador, representando tal papel o mais fielmente possível. Sendo assim, ao brincar a criança atua orientada pelos papéis que imita.

Para entendermos esse exemplo com mais clareza, podemos considerar os jogos amplamente reconhecidos no mundo adulto, como damas ou xadrez. Nesses

⁴ A brincadeira de papéis sociais também é conhecida como jogo protagonizado, faz de conta, jogo de papéis, porém nesse trabalho usaremos a nomenclatura brincadeira de papéis sociais. Indica-se, contudo, que poderão aparecer outros termos quando estivermos realizando uma citação direta de algum autor.

jogos, as regras explícitas e os objetivos estão em destaque, estão em primeiro plano, enquanto a situação imaginária é posta como oculta. Leontiev conceitua esses jogos/brincadeira com regras explícitas, como “jogos cujo conteúdo fixo não é mais o papel e a situação lúdica, mas a regra e o objetivo” (Leontiev, 2010, p.135). Na brincadeira de papéis sociais, como aquela da temática de “mamãe e filhinha”, a situação imaginária é considerada como prioridade, e a partir dela surgem as regras (ocultas) que a criança cria e se orienta durante a brincadeira. Logo, percebe-se que as motivações são diferentes. Por meio dessa reflexão, pode-se perguntar, será que a brincadeira de papéis sociais permanece igual durante toda a infância? Se ela não permanece igual, então como a brincadeira de papéis sociais se desenvolve na infância?

Segundo Elkonin (1998, apud Arce e Duarte, 2006, p.72), a brincadeira surge na primeira infância por meio da ação com os objetos e chega ao nível máximo de protagonização na segunda metade da idade pré-escolar. Elkonin estabelece a primeira infância, compreendida entre os 3 e os 5 anos, e a pré-escolar (segunda infância), compreendida entre os 5 e os 7 anos. Na primeira fase da infância, a criança se apropria dos significados dos objetos, aprendendo a manipular os objetos e compreender seus usos sociais, o que constitui uma base importante para, então poder utilizá-los na brincadeira. Nessa etapa, a criança normalmente tende a focar a sua representação dos papéis em várias ações com objetos, como cozinhar, lavar a louça, dirigir, fazer o neném dormir etc. Já na segunda etapa, compreendida como idade pré-escolar, a criança tende a focar suas ações de representação dos papéis mais nas relações interpessoais do que nos objetos, podendo-se dizer que os objetos ficam em segundo plano.

Essa linha de raciocínio pode ser colocada na seguinte sequência: a criança aprende a comer com a colher, passa a dar comidinha com a colher para a boneca e, na falta do objeto (por exemplo, a comida) substitui por outros (por exemplo, areia ou pedaços de papel picados). Nessa ação, a criança cria *uma situação imaginária*, isto é, ela reconstitui uma situação real, realiza uma reelaboração do objeto/elemento que ela precisa naquele momento da brincadeira para atuar “como a mamãe”. Portanto, observa-se que a criança atua com as coisas que estão ao seu redor a partir dessa sua reelaboração, ou seja, atua mediada pela imaginação (pedaços de papel sendo a comida; ela sendo a mãe). Posteriormente a essa etapa do desenvolvimento da brincadeira, a criança poderá ampliar essa questão imaginária, ao invés de substituir

um objeto por outro, pode apenas imaginar a existência do objeto, fazendo a ação ou gestos adequados ao objeto que está ausente materialmente no momento, mas presente como uma “imagem” para a criança. Por exemplo, se antes a criança precisava de algo que representasse fisicamente a comida e a colher, em uma fase posterior do desenvolvimento da sua relação com a brincadeira, apenas fazer o gesto com a mão, como se estivesse segurando uma colher, já é suficiente para desempenhar o seu papel (Ham, 2021).

Considerando o auge do período da brincadeira de papéis sociais (idade pré-escolar), pode-se indagar quais são os motivos que levam a criança a desejar brincar de papéis sociais. Como afirma Vigotski (2008, p. 25), aparecem necessidades específicas para a criança:

Na idade pré-escolar, surgem necessidades específicas, impulsos específicos que são muito importantes para o desenvolvimento da criança e que conduzem diretamente à brincadeira. Isso ocorre porque, na criança dessa idade, emerge uma série de tendências irrealizáveis, de desejos não-realizáveis imediatamente.

Posto isso, a criança quando deseja, por exemplo, andar a cavalo, mas – por algum motivo – não pode satisfazer esse desejo imediatamente (ou porque não tem um cavalo à sua disposição ou porque, mesmo possuindo, os adultos com os quais ela convive consideram perigoso que ela monte em um cavalo), ela pode criar uma situação imaginária para satisfazer esse desejo, ou seja, pode “imaginar” que um cabo de vassoura é um cavalo, e, assim, satisfazer *na imaginação* o seu desejo de atuar nessa esfera da vida: cavalgar. Portanto, a brincadeira representa “[...] uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis” (Vigotski, 2008, p. 25). Essa situação, inclusive, configura-se como uma característica da brincadeira de papéis sociais. Assim,

O que distingue a brincadeira da ação produtiva habitual é apenas sua motivação, como já dito anteriormente, na ação produtiva habitual seu alvo reside em seu resultado (ela tem fins utilitários diretos), já na brincadeira a criança sente a necessidade de agir no mundo dos adultos, da maneira como ela observou (Chaves, 2023, p. 19).

Enquanto em diversas atividades humanas, o principal objetivo é alcançar um resultado específico, na brincadeira, o enfoque está na experiência em si, ou seja, no brincar bem, no realizar ilusoriamente um desejo de atuar “como se fosse outra pessoa”. Assim, podemos dizer que aquilo que é o processo para o mundo adulto,

para a criança, no brincar, é o seu “produto”: o brincar bem, o imitar bem as ações de um dado papel ou situação (Chaves, 2023).

Observando-se que a brincadeira também envolve desejos, pode-se questionar: a brincadeira é uma fonte de prazer e liberdade para a criança? Em relação a essa pergunta, pode-se considerar que “o jogo não é a priori uma atividade prazerosa para a criança, pois assumir o papel e cumpri-lo com maestria pode ser extremamente doloroso” (Arce e Simão, 2006, p. 73). Isso significa que ao representar determinado papel, a criança age de acordo com as ações daquele papel, ou seja, segue as regras de comportamento daquele papel que ela quer representar, dessa forma ela não tem liberdade de agir “de qualquer forma”. Portanto, percebe-se que essa liberdade é apenas aparente e, por conseguinte, nem sempre indica, imediatamente, um prazer.

Outra peculiaridade relevante da brincadeira trata-se daquilo que Elkonin (1998 apud Ham, 2021, p. 30) denominou de “tema” e de “conteúdo”. Muitas crianças criam situações imaginárias que envolvem cenários como escola, lojinha, consultório médico, entre outros. Esses cenários correspondem ao tema da brincadeira, enquanto o conteúdo diz respeito aos comportamentos, atitudes e diálogos que as crianças efetivamente destacam e desenvolvem nesses temas. Com base em Elkonin, o tema diz respeito à esfera da realidade que a criança vai reconstituir, alguns exemplos são: escola, família, médico. Enquanto o conteúdo relaciona-se a quais relações - com base na realidade – serão efetivamente reconstituídas pela criança (2019, apud Ham, 2021, p. 30). Se considerarmos como por exemplo o tema “escola”, poderia aparecer como conteúdo a relação de “comando” existente entre uma professora e seus estudantes, ou seja, um comportamento de autoritarismo docente, expresso em falas e condutas que correspondem a uma rotina padronizada e inflexível. Nesse caso, a criança também poderia imitar atitudes e falas de conflitos entre os próprios alunos, assim como relações de amizade e empatia. Além disso, poderiam aparecer especificidades do ambiente, como a rotina, os comportamentos dos alunos e dos funcionários da escola etc., evidenciando distintos “conteúdos” que podem aparecer em um mesmo “tema” da brincadeira.

Vale ressaltar que o tema e conteúdo estão interligados, além disso, o repertório e as experiências que as crianças possuem em relação a esses temas influenciam durante a brincadeira e, por consequência, no conteúdo das relações sociais que ela destacará.

Ao se pensar sobre as experiências das crianças, como mencionado anteriormente, pode-se refletir: a brincadeira de papéis sociais ocorre espontaneamente? Como a mediação pedagógica pode ser praticada nesse caso?

A brincadeira tem natureza social e, portanto, significa que seus conteúdos e modos de realização são socialmente dados (Ham, 2021). Isso significa que a brincadeira não é algo natural, é uma atividade que depende de uma mediação, ou seja, alguém mais experiente para orientá-la, na medida que tal experiência indica um conjunto de referências para a criança criar a sua situação imaginária. Isto quer dizer que embora a criança possa brincar sozinha, sua experiência não será tão enriquecedora nem seu desenvolvimento será tão completo quanto se houvesse uma intervenção ou mediação, no sentido da atuação conjunta ou coletiva na atividade de brincar. “Se a brincadeira de papéis sociais for deixada ao sabor da espontaneidade infantil, o mais provável será que essa atividade reproduzirá espontaneamente a alienação própria aos papéis sociais...” (Duarte, 2006, p. 95). Dito isso, a brincadeira de papéis sociais, se for mediada por uma ação pedagógica, terá potencialmente um desenvolvimento melhor, na medida em que o docente poderá ampliar o repertório da criança e até mesmo mostrar outros comportamentos e atitudes que um determinado “papéis social” pode ter e que contribuirão, como recurso, para que a criança crie a sua própria situação imaginária. Portanto,

É no ato de brincar que podemos observar os conteúdos que as crianças já se apropriaram de um determinado papel e as relações que estabelecem com ele, mas para além de observar é necessário, por vezes, que a professora atue diretamente, por meio de perguntas, brincando junto ou criando situações problemas. (Ham, 2021, p. 48).

É também por meio da brincadeira de papéis sociais que o/a professor/a pode conhecer melhor a realidade da criança, e assim, mostrar outros ângulos das situações para ela, assim como enriquecer o conhecimento das mesmas, o que contribui para que a criança transforme a brincadeira em algo mais complexificado. Como bem enfatiza Chaves (2023, p. 83),

Nesse sentido, na brincadeira de papéis sociais, a partir da reconstituição das ações dos modelos de conduta, a criança pode tanto reproduzir comportamentos empáticos, solidários e coletivistas, como atitudes opressivas, preconceituosas e excludentes, pois a maneira como ela reconstitui os papéis em sua brincadeira expressam aspectos sobre a sua realidade vivenciada direta ou indiretamente.

Em síntese, a brincadeira de papéis sociais tem como características centrais, a situação imaginária, a substituição de objetos e o autocontrole (Vygotsky, 2008). Além disso, o objetivo da brincadeira está no próprio processo de protagonizar um determinado papel, singularidade que diferencia a brincadeira de outras atividades que a criança realiza nesse mesmo período de sua vida. Por meio das reflexões e conceitos sistematizados anteriormente, observa-se, também, que compreender e estudar essa atividade principal da idade pré-escolar é de suma importância para concretizar uma prática pedagógica de qualidade e de sensibilidade.

A brincadeira de papéis sociais pode ser uma ferramenta valiosa para entender o desenvolvimento social, cognitivo, emocional das crianças. Dentre essas contribuições que a brincadeira de papéis sociais proporciona, destacamos nesse trabalho duas capacidades, a *imaginação* e a *imitação*. Vimos, anteriormente, que uma das características da brincadeira de papéis sociais é a situação imaginária, e que ao criar essa situação imaginária a criança busca reproduzir nela elementos do real que deseja atuar. Esse processo se realiza por meio da imaginação e da imitação das ações e falas dos papéis sociais que se desempenha na brincadeira. Posto isso, podemos colocar algumas reflexões a seguir: como a imaginação aparece na brincadeira? Qual é a diferença entre a situação imaginária e a imaginação propriamente dita? Qual a ligação entre a imaginação e a imitação? Essas são algumas considerações e questionamentos que tentaremos explicitar nas próximas seções e capítulos.

2.1 SISTEMATIZAÇÃO DO CONCEITO DE IMAGINAÇÃO NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Diante das considerações colocadas até aqui a respeito da brincadeira de papéis sociais, podemos afirmar que essa atividade pode proporcionar um “leque” de conhecimentos e novas necessidades para a criança. Sendo assim, nessa seção, iremos nos debruçar sobre o conceito de imaginação levando em consideração a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. Primeiramente, é importante trazer alguns questionamentos para nossa reflexão: dizer que a imaginação da criança é mais rica que a dos adultos é adequado? Como se relacionam “imaginação” e “criatividade”? Como a imaginação, a criatividade e a imitação estão interligadas na brincadeira de papéis sociais?

A psicologia chama de “imaginação” a atividade criadora do sujeito baseada nas capacidades combinatórias. Essa capacidade, além disso, é fundamento de toda a atividade criadora, manifestando-se igualmente em todos os aspectos da vida, possibilitando a criação artística, científica e tecnológica (Vigotski, 2014, p. 4). Essa capacidade combinatória a qual Vigotski se refere, é a capacidade de reelaborar elementos de experiências passadas para formar algo novo, como por exemplo, quando a criança imagina que um cabo de vassoura se torna um cavalo e, com ele, galopa para outros mundos. Neste contexto, parece relevante questionar como se relaciona a criatividade com a imaginação. O que as diferenciam e o que as aproximam?

Um dos pontos de semelhança entre a imaginação e a criatividade trata-se da origem social: em ambas, as condições materiais, sociais e culturais presentes no contexto irão influenciar de forma marcante. Além disso, Vigotski (2014) enfatiza que tanto a imaginação quanto a criatividade são internalizadas pelo sujeito a partir de suas experiências e contatos com a cultura, isto é, as experiências são de suma importância para o processo criativo.

Nesse sentido, pode-se questionar como a experiência influencia no processo criativo. A imaginação se expressa em dois tipos de ação, uma relacionada à atividade reprodutiva, a qual refere-se à memória e à imitação e a outra à atividade de combinação e transformação, resultando na criação de algo novo. Para melhor entendimento será explicitado com exemplos essas duas ações básicas da atividade criadora. O primeiro caso configura-se no seguinte exemplo:

Quando me lembro da casa onde vivi na minha infância ou de países distantes que visitei, estou reproduzindo os traços daquelas impressões vividas na infância ou durante as viagens. Do mesmo modo, quando desenho a partir das observações da natureza escrevo ou faço qualquer coisa segundo um modelo, em todas essas situações reproduzo apenas o que está diante de mim, ou o que foi por mim anteriormente assimilado e elaborado (Vigotski, 2014, p. 1).

O segundo caso, envolvendo a função criadora ou combinatória, pode ser explicitado com o seguinte exemplo:

Quando imaginamos alguma projeção do futuro, como, por exemplo a vida humana em uma sociedade socialista, ou quando pensamos em fatos muito antigos da vida humana e da luta do homem pré-histórico, não nos limitamos à reprodução de impressões vividas por nós mesmo. Não nos limitamos à lembrança de estímulos passados que causaram impressões em nosso cérebro, pois não conhecemos esses eventos do passado nem os do futuro

e, ainda assim, podemos formar uma ideia, uma imagem (Vigotski, 2014, p. 3).

Com esses exemplos observamos que a atividade criativa envolve tanto o passado, as vivências passadas, e o futuro, ou melhor, projeções do futuro. E como será que isso ocorre internamente? Como que o nosso cérebro lida com os processos de conservação, combinação e invenção? O cérebro humano possui uma enorme plasticidade, isto é, modifica com facilidade sua estrutura sob a influência de situações diversas, conservando as marcas dessas alterações se as mesmas forem suficientemente fortes, ou se repetirem com uma frequência razoável (Vigotski, 2014, p. 2). Sendo assim, percebe-se que o cérebro, conserva experiências já vividas, sobretudo aquelas que nos afetaram ou, então, que ocorreram várias vezes. Mas além disso, esse órgão também cria imagens e ações “novas”. Segundo o autor,

O cérebro não é apenas um órgão que se limita a conservar ou reproduzir nossas experiências passadas, mas é também um órgão combinatório, criador, capaz de reelaborar e criar, a partir de elementos das experiências passadas, novos princípios e abordagens (Vigotski, 2014, p. 3).

Inclusive, pelo fato de o cérebro ter essa capacidade de recombinação e criação é que é possível existir as invenções. Segundo Ribot (citado por Vigotski, 2014), todas as descobertas, grandes ou pequenas, antes de se realizarem na prática e se consolidarem, estiveram ligadas à imaginação, como uma estrutura elaborada pela mente através de novas combinações ou correlações. Os objetos do nosso cotidiano, desde os mais simples até os mais complexos, os quais são criações e invenções, Vigotski (2014) denominou de “imaginação cristalizada”. Para melhor compreensão desse conceito, vamos pensar na invenção do lápis. A necessidade de uma ferramenta de escrita pode ter surgido da crescente importância da comunicação escrita na sociedade, com isso, os sujeitos foram conservando e transformando alguns materiais aptos de se realizar registros em outros objetos, até se chegar ao lápis. A criação desse objeto começou inicialmente com o grafite, posteriormente, a mistura do grafite com madeira e argila, e assim foi se desenvolvendo técnicas para aprimoramento dessa ferramenta e reelaborações para encontrar o formato mais adequado para movimentos “finos” (escrita, desenho). Posto isso, observa-se que a construção imaginária tomou forma no plano material.

Vale salientar que a criatividade não envolve somente invenções grandiosas, “[...] na vida cotidiana existem todas as condições necessárias para criar, e tudo o que

ultrapassa os limites da rotina, mesmo que tenha somente uma pequeníssima parcela de novidade, deve-se ao processo criativo humano [...]” (Vigotski, 2014, p. 5). Sendo assim podemos perceber a criatividade tanto em invenções pequenas quanto em invenções grandes, ambas constituem o processo da criatividade. Também podemos observá-la desde a tenra idade, já na infância, como um processo de conservação e recombinação de determinada situação.

Diante desse contexto, pergunta-se novamente: como é desenvolvida a imaginação nos sujeitos? Particularmente, como ela é desenvolvida na infância? Os autores da Psicologia Histórico-Cultural vão afirmar que o caminho inicial do desenvolvimento da imaginação está na brincadeira (Vigotski, 2018; Leontiev, 2010). Na idade pré-escolar a imaginação não representa sua máxima expressão de desenvolvimento, exatamente o contrário: vemos o surgimento da imaginação (Batista; Silva; Pasqualini, 2021, p. 76). Tanto Vigotski quanto Leontiev vão afirmar que a imaginação nasce na brincadeira, “[...] os processos infantis da imaginação ativa, por exemplo, são inicialmente moldados no brinquedo [brincadeira] e os processos de pensamento abstrato, nos estudos” (Leontiev, 2010, p. 64). Além disso, defendem que esse mecanismo psicológico se desenvolve lentamente e gradualmente durante a infância.

Pelo fato de a imaginação surgir na brincadeira pode-se pensar que a imaginação nas crianças é expressão de elementos irrealis. Contudo, pergunta-se: como a criança cria “o novo” na brincadeira? A partir das reflexões apresentadas anteriormente podemos afirmar que esse novo é resultado da combinação daquilo que já existe, é a transformação de elementos existentes na realidade na qual a criança atua.

Para desmitificar a ideia de que a imaginação é “irreal”, é necessário compreender que existem quatro formas básicas que ligam a atividade imaginativa à realidade (Vigotski, 2014). A primeira forma Vigotski postula do seguinte modo: “[...] consiste no fato de que qualquer ato imaginativo se compõe sempre de elementos tomados da realidade e extraídos da experiência humana pregressa” (Vigotski, 2014, p. 10). Posto isso, observa-se que a imaginação se desenvolve a partir dos materiais captados do mundo real, ou seja, é por meio de suas experiências que o indivíduo elabora a imaginação. Portanto, quanto mais experiências o indivíduo tiver, mais facilidade terá em imaginar aquilo que não existe, mas pode vir a existir. Sendo assim, pode-se dizer que é errôneo pensar que a criança tem uma imaginação mais rica que

a do adulto. Considerando que os adultos, no geral, têm mais experiências que as crianças e passaram por mais situações e convivências, é sensato dizer que os adultos têm potencialmente uma imaginação mais abundante do que as crianças.

Mas se a imaginação tem uma grande ligação com a realidade como podemos explicar a existência de imagens como a sereia ou, então, a fada do dente? Segundo Vigotski (2014), a imaginação pode criar novos níveis de combinações, misturando, em primeiro lugar, os elementos da realidade e, posteriormente, as imagens da fantasia, e assim sucessivamente. Tomemos como exemplo, a sereia, que apesar de ser um ser irreal, encontra-se em sua representação uma combinação de elementos reais, ou seja, ela é metade mulher e metade peixe. Portanto, comprova-se que até mesmo as imagens mais distantes da realidade “palpável”, constituem elementos transformados da realidade que vivemos e que nos referencia.

A segunda forma de ligação entre a imaginação com a realidade é o resultado da imaginação com elementos já sistematizados da realidade (Vigotski, 2014). Isso pode ser explicado pensando no conhecimento escolar, por exemplo, quando um sujeito vai aprender sobre o processo da Independência do Brasil ou sobre os desertos na África, conseguindo imaginar ambos os processos por meio dos estudos e relatos dos historiadores ou viajantes. O panorama obtido é resultado da atividade criativa da imaginação. Se o sujeito não tiver uma noção do conjunto de ideias e representações históricas não conseguiria “visualizar” o processo da Independência do Brasil, assim como se não tivesse uma ideia da seca, dos animais que habitam os desertos, não conseguiria criar uma imagem sobre o deserto. Com esses exemplos identifica-se a dependência da imaginação em relação a experiências anteriores, o que inclui a experiência vivida por outros sujeitos. Portanto, conclui-se que por meio delas os sujeitos podem imaginar situações e episódios que não viveram e que nunca presenciaram. Considerando essa constatação, podemos afirmar o seguinte: a imaginação é um elemento importante na apropriação do conteúdo escolar.

Nessas duas formas, citadas anteriormente, que indicam a relação entre a realidade e a atividade imaginativa, é possível verificar uma mutualidade, isto é, no primeiro caso a imaginação se apoia na experiência, no segundo a própria experiência se apoia na imaginação. Salienta-se que em ambas as situações fica explícita a importância da experiência para que o sujeito se engaje em uma atividade imaginativa.

A terceira forma de ligação entre a imaginação e a realidade é a conjunção emocional, que se manifesta de dois modos. No primeiro caso os sentimentos influenciam na imaginação. Vigotski exemplifica isso do seguinte modo:

Todo o sentimento e emoção tendem a revelar-se em determinadas imagens que lhes correspondem, como se a emoção tivesse a capacidade de escolher as impressões, os pensamentos e as imagens que estão em consonância com um determinado estado de humor e disposição que nos domina nesse exato momento (Vigotski, 2014, p. 15).

Podemos exemplificar isso por meio da seguinte situação, quando a pessoa se sente feliz, pode ter mais propensão a notar cores vibrantes e imagens alegres ao redor. Da mesma forma, quando se está triste, pode ser atraída por imagens mais sombrias ou melancólicas. Isto vale também na apreciação de obras de artes, em certos momentos pode-se ter uma determinada interpretação diante da obra a depender das emoções e humor que prospera naquele momento.

O segundo modo diz respeito à imaginação como influência nos sentimentos. Por exemplo, ao entrar em um quarto escuro, a criança imagina que um vestido pendurado é uma pessoa estranha ou um ladrão que entrou na sua casa. “A imagem do ladrão criada pela fantasia da criança não é real, mas o medo que a criança sente, o seu susto são, de fato, impressões reais para ela” (Vigotski, 2014, p. 18). O mesmo vale quando nos afetamos após uma leitura de um livro ou uma cena de um filme. Por meio das imagens artísticas construídas na fantasia⁵, as emoções sentidas naquele momento são reais e profundas.

A quarta forma de ligação entre imaginação e realidade, discutida por Vigotski (2014), tem como fundamento a construção da imaginação como representação de algo essencialmente novo, o qual não existe na realidade, porém ao se “cristalizar”, passa a ter um uso social e a influenciar a vida das pessoas. Um exemplo disso refere-se a uma ferramenta ou máquina da invenção humana. Esses novos objetos não correspondem a nenhum modelo existente na natureza, mas dão origem à mais convincente realidade, ao vínculo prático com a realidade, uma vez que, ao materializar-se tornam-se tão reais quantos os demais objetos (Vigotski, 2014, p.19). A imaginação artística também é um exemplo nesse caso, alguns contos ou literaturas

⁵ Vigotski denomina a imaginação também como fantasia em sua obra “Imaginação e Criatividade na Infância”, porém, nesse trabalho, usaremos o termo imaginação, não adentro em eventuais especificidades entre os conceitos.

podem exercer um papel formativo na consciência social e influenciar a forma de agir das pessoas.

Nessa forma de ligação entre imaginação e realidade existe também outro elemento importante, a questão da necessidade e do desejo. “Toda necessidade, aspirações e desejos, por si sós ou conjuntamente podem servir de impulso para criação” (Vigotski, 2014, p. 30). Pode-se dizer que um depende do outro para a imaginação se “cristalizar”. Vale destacar que essa questão do desejo e das necessidades aparece também na brincadeira de papéis sociais e, a ela, retomaremos mais adiante.

Em síntese, foi visto que a imaginação depende da experiência, das necessidades e desejos. Mas e como o fator “ambiente” ou contextual a influencia? “Qualquer inventor, por mais genial, que seja, é sempre o produto de seu ambiente e de sua época. A sua obra criativa partirá dos níveis alcançados anteriormente e se apoiará nas possibilidades que existem também ao seu redor.” (Vigotski, 2014, p. 32). Certamente, em cada período histórico as necessidades e desejos são diferentes, com isso, conseqüentemente, a atividade criativa também. Entre os grupos culturais também podem existir diferenças na questão da imaginação, em virtude das condições materiais e sociais postas para cada povo. Dessa forma, pode-se constatar que a imaginação também é afetada por condição relacionada à desigualdade social. De acordo com Vigotski (2014), qualquer inventor, por mais genial que seja, é sempre o reflexo de seu ambiente e de sua época. A partir disso pode-se questionar o seguinte: como pensar as invenções individuais como também expressões de invenções coletivas? Considerando que toda criação contém um componente social, deduz-se que as invenções não são estritamente individuais, tem uma “colaboração anônima” (Vigotski, 2014, p. 33), uma pessoa ou fator por trás.

Com essa reflexão podemos lembrar que a criança pode complexificar a brincadeira de papéis sociais a partir da mediação e dos recursos (cenário, objetos, perguntas) que o docente ou outra criança mais experiente, poderá oferecer, assim, percebe-se que há uma colaboração anônima também na atividade de brincar. A organização dos cenários ⁶(espaços e objetos), a ampliação de referências relacionadas ao tema que a criança brinca, influenciam o andamento da brincadeira

⁶ Sabemos que em muitas instituições escolares, o engajamento do professor com a organização “dos cenários” para brincar exige tempo ou condições de trabalho para que a brincadeira apareça como parte intencional do planejamento e atuação docente.

de papéis sociais, influenciam na capacidade da criança criar a sua situação imaginária. Então, nesse sentido, é possível enxergar essa colaboração anônima também na brincadeira, ou seja, nas invenções mais simples também.

Outro aspecto significativo para retomar, trata-se da questão da diferença da imaginação do adulto e da criança, e da divergência desse elemento entre a primeira infância e a segunda infância. “Em cada período do desenvolvimento infantil, a imaginação criativa se elabora de um modo particular, de acordo com o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra” (Vigotski, 2014, p.35). A imaginação vai se desenvolvendo gradativamente, conforme os três fatores vistos anteriormente, que são as experiências, as necessidades e as influências do ambiente.

Mas como se explica esse desenvolvimento da imaginação? E por que a criança por mais que tenha uma imaginação menos robusta do que a do adulto, tem mais facilidade em acreditar ou atuar a partir de suas “fantasias”? O psicólogo Ribot (apud Vigotski, 2014), explicou isso por meio do desenho da curva do desenvolvimento da imaginação, a qual engloba a imaginação infantil, do adulto e a do período de transição. Ele explica essa diferença por meio de duas linhas, a da imaginação e a do raciocínio. Dessa maneira,

Quando as duas formas intelectuais se encontram frente a frente, como forças competitivas, a atividade imaginativa prossegue, mas através de uma transformação prévia, adaptando-se a condições racionais, deixando de representar uma imaginação pura, mas elaborada (Vigotski, 2014, p. 39).

Com isso, observa-se que na infância as linhas de imaginação e raciocínio estão muito distantes uma das outras, então isso explica o fato de a criança controlar menos a imaginação e de ter uma inferioridade nas combinações que associam a formação da imaginação. Essa curva também esclarece o motivo de parecer que a criança tem uma imaginação mais rica que a do adulto. Justamente pela imaginação ter uma independência da atividade cognitiva nessa fase, a criança acredita mais nos produtos da sua imaginação, e dessa forma não tem o controle da mesma.

Em relação à fase de transição que compreende entre a idade infantil e a idade adulta, notamos uma quebra do equilíbrio psicológico infantil e a busca por um novo equilíbrio. Essa fase se chama também de crítica por existir uma certa contradição, “[que...] é devida ao antagonismo entre a subjetividade pura da imaginação e a objetividade dos processos de raciocínio [...]” (Vigotski, 2014, p.40). Um exemplo prático que demonstra a declividade da imaginação nesse período, é o fato da maioria

das crianças perderem o gosto pelo desenho, posteriormente a isso, na adolescência também ocorre o desinteresse pela criatividade literária. Essa declividade da imaginação corresponde a uma criticidade, isto é, um sentimento de menos confiança na própria imaginação ou nos produtos da sua atividade criadora. “Os esquemas infantis deixam de satisfazer, por lhes parecerem demasiadamente subjetivos e, acaba por concluir que não sabe desenhar, abandonando essa atividade” (Vigotski, 2014, p. 40). O mesmo processo ocorre com os adolescentes em relação à criatividade literária. É importante destacar que existem exceções nesses casos, como a criança ou adolescente ter uma tendência de conservar essa confiabilidade na imaginação nessas modalidades artísticas pelo fato de ter algum estímulo externo, como por exemplo, aulas extras de desenho.

Em suma, a imaginação é uma capacidade humana que depende de fatores como a experiência, a necessidade e as condições da realidade a partir das quais se atua. Além disso, ela possui uma ligação direta com a realidade e com a prática, o que se certifica de que a imaginação não é algo “irreal”. Podemos percebê-la em diversos campos, no artístico, científico e técnico, por meio disso observa-se a sua importância e as suas contribuições para a vida humana e de cada sujeito.

É fundamental também compreender que a imaginação não só representa combinações e reproduções do que já existe, mas também produz o “novo”. Logo, temos o que Vigotski (2014) conceitua como a “imaginação reprodutiva”, a qual corresponde à reinterpretação de ideias, conceitos ou imagens existentes e que está baseada nas experiências passadas e na memória, e tem-se, também, a “imaginação criativa”, a qual envolve a criação de algo efetivamente novo. Essa imaginação é reflexo das invenções e criações, seja aquelas invenções grandiosas como também as pequenas. Dito isso, percebemos que a criatividade e a imaginação se aproximam por envolverem a recombinação de elementos para produzir algo novo, inclusive, Vigotski defendia que a [...] “imaginação é um impulso real da criatividade” (Vigotski, 2014, p. 7). Além disso, também foi possível perceber que a imaginação assim como outros elementos cognitivos, vai se desenvolvendo e tendo suas transformações ao longo da vida. Nesse sentido, é necessário ter em mente que a imaginação não é um divertimento caprichoso do cérebro, algo que paira no ar, mas uma função vitalmente necessária (Vigotski, 2014, p.10).

Diante dessas bases sobre o conceito de “imaginação” é que teceremos considerações sobre como a imaginação efetivamente aparece e se desenvolve na especificidade da brincadeira de papéis sociais.

2.2 A SITUAÇÃO IMAGINÁRIA NA BRINCADEIRA DE PAPÉIS SOCIAIS

Como falado anteriormente, a brincadeira de papéis sociais é a atividade principal da idade pré-escolar, ou melhor, é a atividade que possibilita um maior salto no desenvolvimento da criança. De acordo com Leontiev (2010), ela é principal por proporcionar o surgimento de outras atividades, além disso, por ocorrer a formação e reorganização de processos psíquicos. Essa brincadeira, como mencionado anteriormente, também é uma forma de a criança se apropriar do mundo adulto. A criança age no mundo movida pela necessidade de se apropriar dos elementos culturais construídos ao longo dos anos pelos seres humanos, e é na contradição entre o que a criança não consegue fazer imediatamente, mas que, não obstante, deseja realizar prontamente, que surgem os motivos da brincadeira (Vigotski, 2008).

Vimos na seção anterior, também, que a brincadeira sofre algumas modificações na infância, assim como esclarecemos algumas de suas principais características, isto é, a situação imaginária, a substituição de objetos e a voluntariedade (Vigotski, 2008; Ham, 2021). Porém, nessa seção iremos sistematizar uma dessas características, a situação imaginária na brincadeira de papéis sociais, por se tratar de um elemento especialmente relevante para a temática do presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Mas o que é essa “situação imaginária”? Ela só ocorre especificamente na brincadeira de papéis sociais? Vigotski (2008) afirma que a situação imaginária contempla tanto as brincadeiras com regras ocultas como as com regras explícitas. Por exemplo, ao jogar xadrez a criança atua em uma situação imaginária, que aparece na reconstituição de dois reinos em guerra. Contudo, ao movimentar as peças para jogar xadrez, ela precisa fundamentalmente imaginar que o peão pode se deslocar somente de uma forma, a rainha de outra etc., além disso, o cavalo somente pode “capturar” peças de determinada forma. Percebe-se que a situação imaginária também está presente nesse jogo, mas não orienta diretamente a ação de jogar da criança. Já nas brincadeiras com regras ocultas, ou brincadeira de papéis sociais, a

criação da situação imaginária constitui um propósito diferente. De acordo com Vigotski (2008):

Na idade pré-escolar, surgem necessidades específicas, impulsos específicos que são muito importantes para o desenvolvimento da criança e que conduzem diretamente à brincadeira. Isso ocorre porque, na criança dessa idade, emerge uma série de tendências irrealizáveis, de desejos não-realizáveis imediatamente.

Por exemplo, a criança ao “brincar de médico”, pode utilizar um lápis como um “pivô” para ser a injeção, dessa forma, transforma a brincadeira em uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis imediatamente. A criança realiza o desejo de atuar como médica por meio da brincadeira, já que essa ação ainda é inacessível a ela, e exige operações as quais ela não tem conhecimento. A criança cria a situação imaginária para responder a uma necessidade social, mas que foi pessoalmente percebida pela criança como uma vontade individual, portanto a realidade está na gênese e no desenvolvimento da situação imaginária (Ham, 2021, p.27).

Diante deste contexto percebe-se que a situação imaginária surge a partir das condições de ação: a criança não cria a situação imaginária antecipadamente, como um “roteiro”, mas a situação imaginária surge organicamente à medida que a criança se envolve na brincadeira. Dessa maneira, é necessário:

[...]acentuar que a ação, no brinquedo⁷, não provém da situação imaginária, mas, pelo contrário, é esta que nasce da discrepância entre a operação e a ação; assim, não é a imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tomam necessária a imaginação e dão origem a ela (Leontiev, 2010, p.127).

Logo, pode-se dizer que a criança que está brincando de papéis sociais em determinado momento tem uma visão diferente da criança espectadora. Vejamos um exemplo de uma situação empírica relatada por Leontiev (2010):

As crianças estão brincando de "jardim de infância" em uma sala. Duas delas estão brincando enquanto uma terceira ainda não está participando do jogo; ela permanece sentada e olhando os participantes. Durante o jogo, elas decidem mudar a mobília do "jardim de infância" em um carrinho de brinquedo, mas não há nenhum "cavalo" adequado a esta finalidade. Um dos participantes sugere o uso de um bloco de madeira como cavalo. E claro que a criança que está observando não pode deixar de fazer um comentário, e suas observações são cheias de ceticismo: "Como pode isto ser um cavalo?"

⁷ Na tradução desse texto aparece frequentemente a palavra brinquedo, mas compreende-se que o sentido seria “brincadeira”.

Como qualquer criança, ela permanece realista. Mas, em seguida, ela se cansa de observar e adere ao jogo; ao ouvirmos agora as sugestões que essa criança faz, verificamos que agora em sua opinião o bloco de madeira não apenas pode ser um cavalo, mas pode até mesmo ser uma parelha de cavalos. A relação particular entre o sentido e o significado do brinquedo não é, portanto, dada antecipadamente nas condições do jogo; ela surge ao longo do jogo (Leontiev, 2010, p.128).

Percebe-se que a criança que estava observando não via sentido em atuar com base na situação imaginária criada por outra criança, porém após ela ir brincar, sua perspectiva mudou, posto isso, certifica-se que a criança não cria uma situação imaginária quando não está brincando. Outro aspecto relevante a partir da situação empírica mencionada anteriormente refere-se à relação entre o sentido e o significado dos objetos na brincadeira. Como a criança associa esses dois elementos durante a brincadeira? O objeto literal, ao ser substituído por outro (pivô), perde o seu significado? Primeiramente é necessário compreender que em uma atividade produtiva normal o significado e o sentido estão sempre ligados, no entanto, na brincadeira isso não ocorre.

Na brincadeira de papéis sociais, o objeto preserva seu significado, isto é, o lápis permanece sendo um lápis para a criança. Suas características físicas são conhecidas pela criança, assim como seu uso habitual, ocorre, porém, que esse significado do lápis não é concretizado na situação imaginária que a criança cria e/ou atua. Na brincadeira a criança, pode por exemplo, utilizar o lápis de uma outra forma, como se fosse uma injeção, portanto, esse novo sentido é peculiar ao contexto da brincadeira e difere radicalmente do significado usual desse objeto. “A ruptura entre o sentido e o significado de um objeto na brincadeira não é dada antecipadamente, como um pré-requisito da brincadeira, mas surge realmente no próprio processo de brincar” (Leontiev, 2010, p. 128).

Diante deste contexto, pode-se indagar, qualquer objeto poderia ser a injeção? Somente o lápis pode ter o sentido de uma injeção? Na brincadeira de papéis sociais, os objetos podem ser substituídos por outros desde que tenham um significado semelhante ou que permitam à criança desempenhar uma ação ou gesto semelhante na situação imaginária. Nesse caso, ela não aceitaria usar um travesseiro ou um apontador para representar a injeção. Com esses objetos a criança não consegue manipular de forma adequada, ou seja, esses objetos não possuem qualidades necessárias para representar a ação de utilizar a injeção.

Outra característica da situação imaginária é em relação ao comportamento da criança, é preciso ter em mente que a criança não se comporta livremente na brincadeira de papéis sociais. Exemplificando, ao brincar de ser professora, ela se comporta como uma professora, isto é, ela representa ações e reproduz falas e modos de agir como uma professora. Ela não age por impulso, é como se fosse um autocontrole das próprias atitudes. Isso mostra que surgem regras, ou melhor, orientações de ações dos respectivos “papéis” durante a brincadeira. Mas vale salientar que não são regras formuladas previamente, mas regras que decorrem da situação imaginária. “Por isso, é simplesmente impossível supor que a criança pode se comportar numa situação imaginária sem regras, assim como também não se comporta numa situação real” (Vigotski, 2008, p. 28). Vejamos uma situação empírica, também relatada por Leontiev (2012), que mostra isso:

O pesquisador sugere que Galya seja a professora da escola maternal e que ela mesma e Galochka sejam as crianças. Galya diz, sorrindo: "Sim, eu serei F.S. (como e chamada a professora) e você será Galya, está bem?" Sem esperar pela resposta, Galya começa a dar instruções: "Sente-se à mesa. Não, antes lave as mãos ali", e aponta para a parede. Galochka vai até a parede, seguida pelo pesquisador. Galochka faz os movimentos de quem está lavando as mãos. Galya continua: "Sente-se à mesa; eis uma xícara e um pãozinho que eu já preparei. Agora eu servirei o chá." Ela apanha folhas secas que estavam em torno dos vasos e coloca duas ou três, em três montes. Galochka e o pesquisador sentam-se à mesa, Galya olha-os seriamente e, em seguida, diz: "Galya, sente-se quieta. Não converse à mesa". Ela coloca outras folhas. Vilya aparece, senta-se à mesa e começa a comer. Galya: "Agora você pode ir e fazer a sesta." Galochka: "Antes, lavo minha boca." Vai até a parede e faz alguns movimentos como se estivesse lavando a boca. Galya aponta para algumas cadeiras: "Durma ali". Galochka, Vilya e o pesquisador sentam-se. Galya: "Fechem seus olhos. Ponham suas mãos sob a cabeça." Vilya fica irrequieta. Galya: "Vilya, fique quieta, não se mexa!" Vilya fica quieta (Leontiev, 2010, p. 136).

Observa-se que nessa situação a criança está representando o papel da professora, está agindo como uma professora, ou seja, está dando ordem e orientando os alunos sobre o que fazerem. Por conseguinte, nota-se que a criança está seguindo o comportamento daquilo que compreende ser o de uma professora, não está agindo “livremente” (ou por impulso), mas está se autocontrolando para cumprir o papel da professora.

Isso também mostra que a criança começa a agir pela sua consciência, ou seja, há uma alteração evidente em relação à sua forma de pensar. “A ação numa situação imaginária permite à criança orientar seu comportamento não somente pela percepção imediata do mundo, dos objetos, das situações a sua volta, mas também

pelo significado dessa situação produzido em sua consciência” (Rossler, 2006, p. 59). A criança começa a ter consciência de que, por exemplo, cada “papel” tem suas atitudes e funções e então compreende as relações desse papel com o mundo.

Com as constatações anteriores, é possível perceber que a situação imaginária permite visualizar a questão do desenvolvimento da divergência entre o campo semântico e o campo visual.

Sob o ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser considerada como um meio para desenvolver o pensamento abstrato. [...] A essência da brincadeira é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual – ou seja, entre situações no pensamento e situações reais (Vigotski, 2008, p. 36).

Nesse sentido, a criança justamente ao substituir um objeto por outro (pivô), passa a desenvolver o pensamento abstrato. Com essa situação, percebe-se um desenvolvimento relacionado a percepção e ao pensamento abstrato.

Diante disso, em diálogo com os autores mencionados, analisamos que nas bases psicológicas da brincadeira, não encontramos elementos fantasiosos. Em vez disso, a criança tem em mente uma representação realista de objetos, há uma ação real e uma operação real, apesar de existir a situação imaginária. Em suma, a situação imaginária ocorre com elementos da realidade, objetos que a criança domina e observou em suas condições reais, mas que não estão imediatamente ou visualmente em seu campo de atuação no momento em que atua na brincadeira.

Outro aspecto relevante é que a situação imaginária não surge espontaneamente na criança, pois ela não imagina o que desconhece, essa situação, portanto, surge da reconstituição de situações que tiveram impacto na criança e, ao brincar, a criança é por elas movida (Ham, 2021). Esse fator vem ao encontro com o conceito de imaginação explicado na seção anterior, em que se explicita que a imaginação depende das experiências. Isso evidencia que situação imaginária não é algo irreal também.

Em síntese, “a criação de uma situação imaginária é uma demanda que a reconstituição da realidade coloca à criança. Neste sentido, estamos compreendendo a existência de uma relação dialética entre criação e reprodução” (Batista; Silva; Pasqualini, 2021, p. 80). Nesse contexto, a situação imaginária é uma recriação da realidade, a criança não representa exatamente o que viu, não é uma cópia mecânica, mas uma combinação dos elementos da realidade.

Na situação imaginária notamos a presença da “imaginação reprodutiva”, conforme conceituou Vigotski (2014), e compreendemos que a criança reproduz algo que viu ou ouviu, são as representações de suas experiências e vivências. Também é possível observar sutilmente a “imaginação criadora”, isso se justifica pelo fato dessa ainda estar em desenvolvimento na infância como vimos na seção anterior. Portanto, reafirmamos que:

[...]a imaginação criadora se refere àquilo que é criado como novo para a humanidade. Sabemos também que a brincadeira de papéis não faz isso, nela não há a criação de nada de original para o gênero humano. Mas os aspectos reprodutivos da imaginação são igualmente importantes: na brincadeira de papéis, ao reproduzir situações reais de maneira imaginária e lúdica, a criança cria a possibilidade de vivenciar aquilo que ela mesma nunca vivenciou. (Batista; Silva; Pasqualini, 2021, p. 81).

Foi possível perceber que na situação imaginária encontramos predominante a imaginação reprodutiva e que essa situação é criada pelas crianças para poder atuar em aspectos ou situações do mundo dos adultos, fazer o que ainda não pode em sua idade ou pelo fato de ser inacessível ainda. É na brincadeira e nessa situação imaginária, também, que aparece o primeiro momento em que a criança precisa agir diante de uma situação que ela não vê, mas “imagina existir”, iniciando um processo de atuação no mundo no qual há a separação do campo visual e do campo semântico (Vigotski, 2008).

Diante deste contexto podemos indagar, na situação imaginária, além da imaginação, qual outro elemento é possível observar também? A criança ao reinterpretar as falas, gestos e condutas de um determinado papel, acrescenta a questão da imitação. Mas essa imitação é exatamente algo que ela observou ou escutou? Segundo Vigotski (2014):

É evidente que, nos seus jogos, as crianças reproduzem muito do que veem, mas sabemos qual a importância do papel desempenhado pela imitação na atividade lúdica. Os jogos geralmente são apenas reflexos daquilo que a criança viu e ouviu dos mais velhos, no entanto, esses elementos da experiência alheia nunca se reproduzem na brincadeira do mesmo modo como na realidade se apresentaram.

Dito isso, percebe-se que por mais que a criança imite as atitudes e falas dos adultos durante a brincadeira, a imitação não é idêntica, ou seja, é sempre também uma reelaboração de determinada ação. Sendo assim, podemos notar que a imitação e a imaginação contêm similaridades em seus conceitos. Mas, como esses dois

elementos se relacionam na brincadeira? No próximo capítulo iremos dialogar com a relação desses dois fatores por meio da literatura contemporânea.

3 DIALÓGOS COM A LITERATURA CONTEMPORÂNEA: RELAÇÃO ENTRE IMAGINAÇÃO E IMITAÇÃO

No capítulo anterior analisamos a brincadeira de papéis sociais e destacamos uma de suas características, a situação imaginária. Além disso, sistematizamos o conceito de imaginação na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. Vale salientar que as sistematizações e reflexões realizadas anteriormente foram feitas com base nos estudos dos autores clássicos dessa teoria.

O presente capítulo tem como objetivo mapear e interpretar a relação entre a imaginação e a imitação na literatura contemporânea. Anteriormente nos debruçamos acerca do conceito de imaginação pelo ponto de vista da Teoria Histórico-Cultural, contudo, nesse capítulo buscaremos refletir sobre a ligação da imaginação com a imitação na brincadeira de papéis sociais. Com esse intuito, retomamos a explicação da nossa segunda ação metodológica de pesquisa: o diálogo com as produções contemporâneas.

Nessa ação de pesquisa optamos por pesquisar artigos científicos, como expressão da literatura contemporânea. Para tal, elegemos como base de dados, a plataforma do banco de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Como ferramenta para a identificação desses artigos, utilizamos, na busca avançada as seguintes combinações de palavras-chaves que expressavam o objeto de nosso Trabalho de Conclusão de Curso: brincadeira de papéis sociais AND imaginação; brincadeira de papéis sociais AND imitação, brincadeira de papéis sociais AND criatividade. Inicialmente, também se realizou a mesma busca com a alteração da palavra-chave “brincadeira” por “jogo protagonizado”, porém os resultados não se articularam com o tema do presente trabalho. Diante das palavras-chave elencadas e a leitura dos títulos dos artigos encontrados, foram encontrados 12 artigos para a análise inicial. Após uma primeira leitura e análise desses artigos, buscamos identificar aqueles que mais diretamente discutiam aspectos sobre a relação entre imaginação e imitação na brincadeira de papéis sociais, o que resultou na seleção final de 5 artigos para uma efetiva análise em nossa pesquisa (quadro 1).

Quadro 1. Trabalhos selecionados para a análise

1	CARBONIERI, Juliana; EIDTT, Nadia Mara; MAGALHÃES, Cassiana (2020).	A Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: a gestação da atividade de ensino.
2	FAUSTINO, Rosângela Célia; MOTA, Lucio Tadeu (2016).	Crianças Indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e desenvolvimento.
3	GNOATTO, Patrícia; UMBELINO, Janaina Damasco (2020).	Elementos Constituintes da Atividade do Brincar: imaginação e imitação como síntese na ação da criança.
4	PINTO, Gláucia Uliana; GÓES, Maria Cecília Rafael de (2006).	Deficiência Mental, Imaginação e Mediação Social: um estudo sobre o brincar.
5	STEINLE, Marлизete Cristina Bonafini (2013).	O Trabalho Pedagógico Presente na Brincadeira de Papéis Sociais e a sua Importância para o Desenvolvimento da Imaginação Criadora no Contexto da Educação Infantil.

Fonte: elaborada pela autora

A leitura dos artigos foi orientada tendo por base a seguinte pergunta: quais as relações entre imaginação e imitação, na brincadeira de papéis sociais, apresentadas pela literatura contemporânea? A análise dos textos que envolveu diversas leituras de cada artigo, destaques de passagens e a identificação e listagem de algumas relações que considerávamos pertinente para responder o objetivo geral desse trabalho nos permitiu formular três temáticas gerais sobre a relação entre imaginação e imitação na brincadeira de papéis sociais: a) *a imaginação e a imitação atuam de modo interdependente na brincadeira de papéis sociais e ambas cumprem uma função de instrumento para a atividade de brincar da criança*; b) *a atuação docente ou de pessoas mais experientes na brincadeira de papéis sociais contribui para o desenvolvimento da imaginação e da imitação na atividade de brincar de cada criança*; e c) *a imaginação na brincadeira é sempre uma expressão da realidade, mesmo que envolva imagens distantes ou “fantásticas”*.

A seguir, apresentaremos um diálogo com cada uma dessas temáticas.

Temática 1: a imaginação e a imitação atuam de modo interdependente na brincadeira de papéis sociais e ambas cumprem uma função de instrumento para a atividade de brincar da criança.

A primeira temática foi identificada de modo mais direto em 3 dos 5 textos analisados (Gnoatto e Umbelino, 2020; Goés e Pinto, 2006; e Steinle, 2013). Apesar de existir uma interdependência entre a imaginação e a imitação é importante ressaltar que ambas têm autonomia, ou seja, cada uma tem a sua especificidade na brincadeira. Podemos considerar que a imaginação na brincadeira se expressa na própria situação imaginária, ou seja, é uma reelaboração de uma determinada situação que passa a orientar a atividade de brincar da criança como uma “imagem” (nem sempre coincidente com o campo visual no qual a criança atua). Assim, a imaginação na brincadeira é a *imagem* que a criança cria (reelabora) e não o que ela realmente vê, ou seja, não corresponde diretamente ao que está presente na realidade imediata. Além disso, a imaginação se realiza por meio de um encadeamento de situações em um determinado “tema” e “conteúdo” da brincadeira (é um enredo em ação). Pode-se dizer que a manifestação da imaginação é mais difícil de visualizar na brincadeira da criança, mas possível de compreender ao ver a criança brincar e ao sabermos o tema de sua brincadeira. Por outro lado, podemos considerar que a imitação se expressa na brincadeira na recriação de gestos e falas de um determinado papel social; são as condutas mais “visíveis” de se observar na brincadeira.

Em comum, observa-se que imaginação e imitação são uma reelaboração de experiências passadas, que formam uma nova realidade e, na brincadeira, atuam como um instrumento para a criança seguir brincando (Gnoatto e Umbelino, 2020)

Essa relação é apresentada, também, no artigo de Goés e Pinto (2006). Nesse trabalho as autoras apresentam algumas situações empíricas de crianças brincando e, com a finalidade de melhor explicar essa primeira temática que elaboramos, vamos recorrer a uma dessas cenas⁸. Vejamos na seguinte situação empírica essa explicitação:

⁸ É importante destacar que essa situação empírica foi registrada em uma instituição de educação especial (SP), na qual uma pesquisadora estava acompanhando e criando situações para as crianças brincarem de papéis sociais. Nessa cena encontram-se Marta (4 anos) e José (5 anos).

José e Marta estão andando pela sala de mãos dadas. Marta está com uma boneca nas mãos, senta-se em uma cadeira e convida José para sentar-se também. José se senta e os dois conversam (inaudível). Sentados na cadeira, Marta bate a palma da mão nas costas da boneca, ninando o nenê. José passa o braço por trás das costas de Marta e depois retira. Marta coloca a mão em sua perna. Marta diz algo (inaudível) para José e ele concorda com movimento de cabeça. Os dois se levantam, andam de mãos dadas pela sala. Marta pega outra boneca. José pega a boneca que estava antes com ela. Marta: - Eu vô lá no médico, vamo?

José diz que sim com a cabeça. Deslocam-se até uma cadeira onde deitam as bonecas. Continuam conversando (inaudível). Marcos aproxima-se e tenta tirar a boneca de José de cima da cadeira. Marta chama José para perto de uma mesa.

Marta: - Aí eu vô tomá um café. Cê vai, José?

José: - Ah rã... (concordando).

Marta coloca um copo perto da mesa, na altura da gaveta, e aperta um dos puxadores como se fosse um botão. Encena encher o copo, toma o café e passa o copo para que José também tome o café. O menino aceita, mas não encena como ela.

Marta: - Não. Tem que pegá o café daqui (apontando para o puxador da gaveta). Põe o copo aqui (debaixo do puxador) e aperta aqui (apontando o puxador).

José imediatamente segue sua instrução, pega o café e toma do copo, estufando as bochechas como se tivesse enchido a boca. José pega café também para dar às bonecas que agora estão no colo de Marta. A brincadeira dos dois continua. (Pinto e Goés, 2006, p.21).

Por meio dessa situação empírica observamos que a *imitação* se evidencia, sobretudo, nas ações ou gestos de quando José toma o café. Nota-se nesse ato de imitar de José que ele realiza esses gestos de uma forma diferente de Marta, apesar de ela pedir para ele a imitar, ele reelabora seu gesto de tomar café em relação ao que Marta faz, isto é, faz o movimento com as bochechas. Posto isso, percebe-se que ele recriou o gesto de tomar café, indicando que mesmo as mais “simples” imitações aparecem na atividade de brincar da criança mediante reelaborações. Já a *imaginação*, nesse exemplo empírico, se evidencia sobretudo por meio da situação imaginária em si, ou seja, pelo encadeamento da situação como um todo do tema “marido e mulher”: a Marta imaginando que é a esposa e o José imaginando que é o marido; o “passeio” de ambos de mãos dadas; o sentarem-se juntos, com uma das bonecas no colo; o fato de ambos imaginarem que estão tomando café. Esse conjunto de “cenas” reforça a presença da imaginação na atividade de brincar da criança: as crianças atuam naquele momento orientadas por uma situação imaginária (por uma imagem do que é o convívio de marido e mulher) e não por aquilo que os objetos ou situação imediatas indicam para elas.

Logo, observamos que tanto a imaginação como a imitação são essenciais na brincadeira de papéis sociais e que uma depende da outra para se concretizar a

brincadeira. Além disso, observamos que a brincadeira não é uma reprodução mecânica da realidade, a atividade da imaginação e da imitação tornam a brincadeira uma recriação dos aspectos reais.

Como vimos anteriormente, apesar da imitação e da imaginação serem interdependentes na brincadeira de papéis sociais, cada uma possui especificidades e singularidades. Uma das singularidades da imaginação é contribuir na capacidade de planejar, de antecipar uma ação, de pensar como fazer ou proceder diante de alguma situação que ainda não aconteceu. Ao brincar, sobretudo em conjunto com outros, a criança se depara, muitas vezes, com a necessidade de combinar algumas de suas ações: a criança diz para a outra “agora finge que eu sou a mãe e você o pai” e, ao dizer isso, atuam antecipando “como age” uma mãe ou um pai nas situações de passear, sentar-se com os filhos, tomar café. É por meio da imaginação que os sujeitos podem imaginar o futuro e ter a capacidade de criar e modificar o seu presente.

Já a imitação tem como característica primordial o fato de ser uma expressão da aprendizagem, “[...] é a forma principal em que se realiza a influência da aprendizagem sobre o desenvolvimento.” (Vigotski, 2001, p.331 apud Gnoatto e Umbelino, 2020, p.789). Vale ressaltar que para Vigotski a imitação não é uma mera reprodução da realidade, não se define como uma cópia, portanto, para a criança imitar algo ou algum papel social ela precisa ter apropriado determinada ação que corresponde a esse papel social, isto é, precisa ter compreendido e/ou percebido aquilo que vai imitar. Afirma-se que:

Todos conhecem o enorme papel da imitação nas brincadeiras das crianças. As brincadeiras infantis, frequentemente, são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. No entanto esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. As brincadeiras da criança não são simples recordação do que vivemos, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança (Vigotski, 2009, p. 16 apud Faustino e Mota, 2016, p. 401).

Nesse sentido, percebemos que as experiências e as recordações da criança são fundamentais para o processo de recriação da imaginação e da imitação. As experiências prévias da criança fornecem um repertório de situações, interações e comportamentos sociais, os quais ela poderá recriar durante a brincadeira. Outro fato importante é que a imaginação e a imitação estão articuladas com elementos do

mundo real, ou seja, inclui a criança compreender as situações e condutas que estão a sua volta para então poder reinterpretar essas ações na brincadeira. Desse modo, observa-se que tanto a imitação quanto a imaginação dependem das experiências e vivências da criança.

Assim, como síntese, podemos dizer que a imaginação e a imitação, apesar de serem capacidades humanas que consistem na reelaboração de impressões de experiências passadas e que formam uma nova realidade, suas funções e processos são distintos o suficiente para diferenciá-las. Logo, para a brincadeira de papéis sociais se concretizar uma depende da outra, ou seja, considera-se como uma relação de interdependência. Na brincadeira tanto a imaginação quanto a imitação funcionam como instrumentos que permitem à criança recriar uma situação na forma de uma *situação imaginária*.

Temática 2: a atuação docente ou de pessoas mais experientes na brincadeira de papéis sociais contribui para o desenvolvimento da imaginação e da imitação na atividade de brincar de cada criança.

A segunda temática foi identificada de modo mais direto nos cinco artigos analisados (Gnoatto e Umbelino, 2020; Goés e Pinto, 2006; Steinle, 2013; Carbonieri, Eid e Magalhães, 2020; e Faustino e Mota, 2016). A partir dessa temática, identificamos dois elementos relacionados à mediação: a superação da reprodução de estereótipos no contexto da brincadeira e a Zona de Desenvolvimento Proximal⁹ como fator comum entre a imaginação e a imitação. Nos cinco artigos contemporâneos estudados foi enfatizada a importância da mediação docente, porém o trabalho que mais diretamente tratou sobre o conteúdo dessa mediação, seja com o docente, seja com crianças mais experientes, foi o artigo de Goés e Pinto (2006). As autoras realizaram um experimento empírico, que resultou na descrição de diferentes situações, como na situação empírica citada na temática 1, o que também possibilita o desenvolvimento do processo de imaginação e imitação na brincadeira.

Nesse sentido, o indivíduo mais experiente pode ser o porta-voz da brincadeira, ou seja, pode assumir alguns “comandos” (por exemplo, ele quem mais cria a situação imaginária), propor desafios ou oferecer algumas orientações (por

⁹ É importante citar que há um conflito em relação à tradução do termo “Zona de Desenvolvimento Proximal”, alguns tradutores, como de Zoia Prestes, utilizam o termo “Zona de Desenvolvimento Iminente”..

exemplo, fazer perguntas sobre a pertinência ou não de uma ação ou indicar o modo como o papel deveria se portar numa situação) ou colocar-se mais diretamente como modelo a ser imitado. Outra forma de refinar a imaginação e a imitação diz respeito ao docente incluir na organização do planejamento pedagógico um trabalho direto com conhecimentos científicos, obras literárias e outros objetos culturais que podem contribuir, como referências, para o desenvolvimento da imaginação e da imitação durante a brincadeira. Esses conhecimentos atuam como “experiências” da criança a partir das quais ele reelabora na forma de uma situação imaginária. Considerando isso, ressalta-se que para o planejamento pedagógico se concretizar com qualidade é necessária uma formação inicial e continuada dos/das professores/as, ou seja, condições de trabalho adequadas. É necessário existir uma consideração e atenção também com a ampliação do repertório do/da professor/a, concebendo que suas mediações poderão potencializar a humanidade nas crianças.

Enfatiza-se que o/a professor/a pode potencializar o processo de reelaboração da imaginação e da imitação direcionados para a brincadeira, com atividades correlacionadas à contação de histórias, artes visuais, teatro, integrando diferentes áreas de conhecimento (ciências, história, música). O que contribui com referências para criar a situação imaginária. Por isso,

Na escola, a ação do professor é fundamental, pois ele planeja e organiza formas de interação que determinarão a apropriação, transferência e construção de conhecimentos, ampliando as áreas de estudo, participação, aprendizagem e criatividade das crianças. Nesse processo, o professor atua, assim como os mais velhos experientes da família, como mediador, ajudando as crianças e jovens a desenvolverem outros conhecimentos por meio de novas descobertas. (Faustino e Mota, 2016, p. 403).

Nesse contexto, constata-se que o docente ou a pessoa mais experiente poderão mediar a brincadeira no sentido de orientar, fazer questionamentos, de encorajar a imaginação ao propor novas ideias ou cenários para a brincadeira, além disso, planejar e organizar formas da criança se apropriar da cultura e de elementos da realidade.

É importante evidenciar também a mediação pedagógica no processo de imitação das relações sociais pautadas em estereótipos na brincadeira de papéis sociais. Em um dos artigos analisados (Faustino e Mota, 2016) foi citada a questão de o docente levar em consideração que o ensino baseado na cópia de modelos recai, muitas vezes, na formação de “clichês” ou, para nós, “estereótipos”. Isso se aplica

também na brincadeira de papéis sociais, considerando que as crianças podem reelaborar durante a brincadeira atitudes de preconceito e ações que segregam e estigmatizam a diversidade. Também podem representar comportamentos padrões ou condutas clichês. Por exemplo, durante a brincadeira de papéis sociais, a criança pode reelaborar relações familiares, como o papel da mãe como “a cuidadora principal” ou do pai como o “líder” da casa.

Em vista disso, podemos observar que as crianças agem com base em suas experiências, de acordo com os comportamentos estabelecidos socialmente, sendo assim, é fundamental que o docente mostre outros prismas e formas de enxergar determinada situação ou papel social. Além disso, nessas situações o docente pode ajudar a criança a refletir sobre comportamentos opressivos, desiguais e violentos, promovendo dessa forma uma mudança em relação às suas atitudes e da sua reelaboração das impressões passadas. Nesses casos, também é importante o/a professor/a mediar de forma crítica e encorajar as crianças a questionarem os papéis que estão representando. Isso pode ser feito através de perguntas como "Por que você escolheu esse papel?" ou "Como você acha que essa pessoa se sentiria?". A mediação, sendo dessa forma, contribuirá para que a criança repense sua reelaboração dessas impressões passadas.

Outro fato que foi citado em dois artigos (Faustino e Mota, 2016 e Gnoatto e Umbelino, 2020) e estão relacionados à mediação, e que também reforça a relação entre a imaginação e a imitação, foi o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal¹⁰. A zona de desenvolvimento se relaciona com o conceito de imitação, pois uma das formas para aprender é por meio da imitação. Essa “zona”, a qual Vigotski se referencia corresponde ao momento em que a orientação e a imitação desempenham um papel crucial ao permitir que a criança adquira novas habilidades e conhecimentos que estão além de seu desenvolvimento atual, mas que estão ao seu alcance somente se for com uma orientação apropriada (ou uma atuação conjunta). É fundamental evidenciar que a imitação para Vigotski exige atividade da criança, ou seja, a criança destaca algo e analisa para então imitar. Portanto,

Nesse sentido, fica claro que a imitação é indispensável para o desenvolvimento da aprendizagem. Ela é o meio pelo qual a aprendizagem

¹⁰ O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal foi desenvolvido por Vigotski e compreende a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.

se organiza e se realiza, inserida no campo de atuação da Zona de Desenvolvimento Proximal. (Gnoatto e Umbelino, 2020, p. 789).

Além disso, a Zona de Desenvolvimento Proximal também envolve a imaginação, pelo fato dessa Zona representar uma unidade entre funções intersíquicas e funções intrapsíquicas. Segundo Vigotski “[...] a imaginação aparece como a relação entre ação interna (intrapsíquica) e externa (intersíquica)”. (Gnoatto e Umbelino, 2020, p.779). Essa ação interna seria as operações e funções mentais que uma pessoa realiza autonomamente, como pensar, refletir e imaginar. Vigotski destacou que esses processos são inicialmente aprendidos através da interação com os outros (intersíquico) e depois internalizados, tornando-se intrapsíquicos. Por exemplo, a criança aprende a dialogar com o outro e essa ação torna-se, depois, o ato de refletir consigo mesma. Com isso, constata-se que para se formar a imaginação primeiramente precisa-se do outro, da interação com o outro ou da imaginação cristalizada. Na brincadeira, essa “cristalização” da imaginação (Vigotski, 2014) está, fundamentalmente, na situação imaginária. Dessa forma, a Zona de Desenvolvimento Proximal confirma que a imaginação (ação interna) não ocorre apenas dentro do indivíduo de maneira isolada.

Em suma, nessa temática que se trata da mediação docente e de pessoas mais experientes, encontramos dois elementos: a superação dos estereótipos na brincadeira e a zona de desenvolvimento proximal. A mediação por parte dos docentes ou de pessoas mais experientes pode contribuir na questão de fazer orientações e questionamentos quando a criança representar ações e falas que demonstrem algum tipo de estereótipo, ou seja, o docente ou o indivíduo mais experiente precisa mediar com criticidade e propor uma reflexão perante a imitação que envolva ações e falas preconceituosas, de discriminação ou, então, clichês.

Outro elemento que essa temática possibilita reforçar é a relação entre a imaginação e a imitação, referindo-se à zona de desenvolvimento proximal. Nessa zona de desenvolvimento a criança pode ser guiada por um docente ou por alguém mais experiente para realizar atividades que estão além de sua capacidade atual. Durante esse processo de mediação, a criança pode imitar as ações e comportamentos modelados pelo docente ou pessoa mais experiente, internalizando valores e sentidos através da imitação. Além disso, essa zona de desenvolvimento influencia a imaginação também por meio da relação intrapsíquica e intersíquica, já

que a imaginação (intrapsíquica) precisa da interação social (interpsíquica), o que na brincadeira se dá na situação imaginária na qual todos que brincam atuam.

Temática 3: a imaginação na brincadeira é sempre uma expressão da realidade, mesmo que envolva imagens distantes ou “fantásticas”.

A terceira e última temática fundamenta-se em 2 dos 5 artigos analisados: (Gnoatto e Umbelino, 2020; (Steinle, 2013). Nessa temática é possível compreender a relação entre a fantasia, a imaginação e a realidade. Retomando os autores clássicos com os quais dialogamos nesse TCC, embora Vigotski tenha estabelecido que a imaginação é uma reelaboração de elementos reais, ou seja, que existem na realidade, ele também defendia que é incorreto explicar a existência da imaginação na mente humana por meio da separação entre fantasia e realidade (Vigotski, 2009, apud Steinle, 2013). Por exemplo, quando a criança imagina um cachorro falante ou então um elefante que voa, ela está imaginando uma representação fantástica, porém essas representações contêm elementos da realidade.

Desse modo, relacionar a brincadeira à imaginação envolve entender que fantasia e realidade estão intimamente ligadas, pois ambas se desenvolvem a partir das interações sociais e culturais da criança. Posto isso, identifica-se na brincadeira cenas e personagens sempre pertencentes ao mundo real (ao mundo no qual a criança atua e sintetiza experiências), ainda que tenham elementos fantásticos. Nesse contexto, é possível verificar que ao representar na brincadeira e ao materializar a imaginação criadora, a criança busca inspirações nas suas vivências e experiências. Então, quando a criança imita por exemplo, um elefante que voa durante a brincadeira, ela está representando uma imagem fantasiosa que contém elementos da realidade. E, assim:

[...], é possível afirmar que as crianças buscam na própria realidade os elementos para as suas criações fantásticas, de modo que essas criações, materializadas na imaginação infantil, são consideradas como a síntese de modificações e reelaborações de memórias e vivências da realidade infantil. (Steinle, 2013, p. 115)

Em síntese, essa temática permite reforçar que a imaginação se relaciona com a realidade, mesmo quando envolve elementos distantes da mesma. Isso inclui também as representações fantásticas do mundo das artes e da religião. As criações fantásticas fazem parte da arte, dos mitos e da religião, portanto, funcionam como

referências do mundo real para as crianças. Além disso, é preciso enfatizar que o real contém também as criações humanas. Dessa forma, mesmo que na brincadeira a criança imite algum ser fantástico, suas características serão uma recombinação de elementos da realidade. Logo, isso mostra que existe uma relação entre a imaginação, a realidade e a fantasia.

Diante dos pontos colocados até aqui podemos dizer que a literatura contemporânea além de retomar o conceito de imaginação que analisamos nas obras clássicas dos autores da Teoria Histórico-Cultural, também contribuiu para evidenciar um outro elemento fundamental na brincadeira de papéis sociais: a imitação. Dessa forma, correspondeu para concretizar a compreensão e reflexão do objetivo principal desse trabalho, a relação entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis sociais. Ademais, os cinco artigos lidos e analisados detalhadamente, proporcionaram a identificação de três temáticas: a imaginação e a imitação atuando de modo interdependente na brincadeira de papéis sociais e ambas cumprindo uma função de instrumento para a atividade de brincar da criança; a atuação docente ou de pessoas mais experientes na brincadeira de papéis sociais, as quais contribuem para o desenvolvimento da imaginação e da imitação na atividade de brincar de cada criança; e a imaginação na brincadeira como uma expressão da realidade, mesmo que isso envolva imagens distantes da mesma.

Vale ressaltar que essas temáticas introduziram elementos que reforçaram que a relação entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis sociais se realiza fundamentalmente na ação de criar e ou atuar em uma situação imaginária. Dentre esses elementos destacam-se: a imaginação como capacidade de antecipar uma ação; a imitação e os estereótipos no contexto da brincadeira; a zona de desenvolvimento proximal; e a relação entre a fantasia, a imaginação e a realidade. Nesse contexto, foi possível perceber a importância tanto da imaginação quanto da imitação na formação da brincadeira de papéis sociais, certificando-se que ambas possuem fatores em comum, mas também peculiaridades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho iniciou com os seguintes questionamentos: Como é desenvolvida a imaginação presente na brincadeira de papéis sociais? Qual o vínculo entre a imitação e a imaginação na situação imaginária? Qual a diferença entre imaginação e situação imaginária na perspectiva Histórico-Cultural? Por meio da análise e dos estudos das obras dos autores clássicos e também da literatura contemporânea, foi possível refletir e responder essas perguntas, além disso, perceber ainda mais a importância da brincadeira de papéis sociais no desenvolvimento da criança. Aliás, parece que quanto mais se estuda sobre essa brincadeira, mais curiosidades e associações entre seus elementos vão surgindo.

Para se chegar ao objetivo principal desse trabalho, a relação entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis sociais, foi preciso analisar a base dessa relação, ou seja, a brincadeira. Essa atividade principal na idade pré-escolar permite que a criança se aproxime do mundo adulto e se aproprie da cultura. Por meio da situação imaginária, uma das características primordiais da brincadeira de papéis sociais, a criança satisfaz na imaginação seu desejo de atuar na esfera da vida adulta.

Dito isso, revela-se outra característica da brincadeira, a substituição de objetos. Para a criança atuar na vida adulta, na situação imaginária, ela utiliza na maioria dos casos, a substituição de objetos. Retomemos um exemplo citado anteriormente no texto: ao representar um médico, a criança provavelmente vai utilizar objetos que representem aquela profissão e, muitas vezes, esses objetos não estarão ao seu alcance, sendo assim, ela poderá substituir um objeto por outro. Nesse sentido, ao realizar isso a criança reelabora um objeto/elemento que ela precisa naquele momento da brincadeira, desse modo, fica nítida a presença da imaginação. Outra característica que remete à brincadeira de papéis sociais é o autocontrole, a criança ao representar determinado papel social, ela precisa seguir as condutas e comportamentos daquele papel, ou seja, ela não tem liberdade, ela segue as regras. A partir disso, também observamos que há o processo de imitação.

Para alcançar o objetivo geral desse trabalho também foi necessário estudar e refletir sobre a imaginação isoladamente, isto é, sistematizar o conceito de imaginação a partir da concepção de Vigotski. Em seus fundamentos Vigotski considera a imaginação, como uma atividade criadora do sujeito baseada nas

capacidades combinatórias, além disso, é fundamento de toda a atividade criadora, a qual manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida, possibilitando a criação artística, científica e tecnológica (Vigotski, 2014, p.4). Essa capacidade combinatória, a qual Vigotski se refere, é a capacidade de reelaborar elementos de experiências passadas para formar algo novo. Além disso, o psicólogo enfatiza que a imaginação não é algo irreal, com isso, ele estabelece quatro formas de ligação entre a realidade e a imaginação.

Por meio desses fundamentos de Vigotski compreendemos que a imaginação é uma capacidade humana que depende de fatores como a experiência, a necessidade e o ambiente, ou melhor, as condições da realidade. Além disso, ela possui uma ligação direta com a realidade e com a prática, o que se certifica de que a imaginação não é algo “irreal”. Podemos percebê-la em diversos campos, no artístico, científico e técnico, por meio disso observa-se a sua importância e as suas contribuições para a vida humana e de cada sujeito. Além disso, também vimos que a imaginação se inicia na brincadeira e que se desenvolve gradativamente ao longo da infância e as razões da imaginação da criança serem diferentes do adulto. Mediante a concepção de Vigotski também compreendemos que a imaginação pode ser dividida em duas ações: a imaginação reprodutiva, a qual está baseada nas experiências passadas e na memória. Também em imaginação criativa, a qual envolve a criação de algo efetivamente novo. Durante a análise do texto foi possível correlacionar a criatividade e a imaginação, já que ambas envolvem a recombinação de elementos para produzir algo novo.

Para compreender melhor a relação da imaginação e da imitação na brincadeira de papéis sociais também foi essencial entender a especificidade da situação imaginária na brincadeira, um dos objetivos específicos deste trabalho. Após a leitura das obras clássicas e dos dois TCCs que foram referências também nessa pesquisa, foi possível analisar que a situação imaginária é o primeiro momento em que a criança precisa agir diante de uma situação que ela ainda não vê, em que se inicia a separação do campo visual e do campo semântico. Os outros pontos relevantes pertinentes à situação imaginária trata-se do sentido e do significado dos objetos/ elementos na situação. Nesse contexto, constatamos que apesar de surgir a ruptura entre o significado e o sentido na brincadeira, a criança busca substituir um objeto por outro que seja semelhante ou que possa desempenhar uma ação ou gesto semelhante na situação imaginária.

Outra questão refere-se que a situação imaginária surge a partir das condições de ação, a criança não cria a situação imaginária antecipadamente, mas a situação imaginária surge organicamente à medida que a criança se envolve na brincadeira. Sendo assim, para as crianças que estão brincando e criando a situação imaginária em determinado momento, faz sentido as reelaborações dos objetos na brincadeira. Enquanto para aquelas crianças ou adultos que estão por fora e visualizando a brincadeira de longe, pode não ser tão fácil compreender a situação imaginária. Também relacionado a isso vimos a importância das experiências e vivências da criança para a formação da situação imaginária.

Ao estudar e analisar a especificidade da situação imaginária e a sistematização da imaginação, foi possível compreender que a imaginação é a imagem que a criança cria (reelaboração) e não o que ela realmente vê, ou seja, não corresponde diretamente ao que está presente na realidade imediata. E que a situação imaginária corresponde a uma situação real no qual há uma reelaboração do objeto/elemento que ela precisa naquele momento da brincadeira.

Nos estudos e análises realizados por meio da literatura contemporânea foi possível compreender a relação entre a imaginação e imitação na brincadeira de papéis e identificar três temáticas: a) a imaginação e a imitação atuam de modo interdependente na brincadeira de papéis sociais e ambas cumprem uma função de instrumento para a atividade de brincar da criança; b) a atuação docente ou de pessoas mais experientes na brincadeira de papéis sociais, contribui para o desenvolvimento da imaginação e da imitação na atividade de brincar de cada criança; e c) a imaginação na brincadeira é sempre uma expressão da realidade, mesmo que isso envolva imagens distantes ou “fantásticas”.

Nessas temáticas encontramos elementos que permitem explicitar a ligação entre a imaginação e a imitação na brincadeira de papéis e compreender que ambas são reelaborações de impressões passadas que formam uma nova realidade. Concomitante a isso, essas temáticas também possibilitaram identificar as funções e peculiaridades tanto da imaginação quanto da imitação.

Em síntese, para se concretizar o objetivo geral desse trabalho foi necessária e relevante a análise das obras clássicas assim como da literatura contemporânea, as obras clássicas foram fundamentais para compreender os conceitos de imaginação e a situação imaginária, nas quais se insere a relação entre imaginação e a imitação. A

literatura contemporânea foi importante para sistematizar a relação específica entre a imitação e a imaginação na brincadeira de papéis sociais.

Por fim, esperamos que esse trabalho possa contribuir para valorizar e refletir sobre a importância da brincadeira de papéis sociais e dos elementos associados a ela: imaginação e imitação. Ademais, esperamos que essa pesquisa possa motivar outros estudos acerca da brincadeira de papéis sociais, também a mudar o olhar dos docentes e dos futuros professores/as perante a essa brincadeira tão importante no desenvolvimento da criança. Simultaneamente a isso, espero que o estudo sobre a brincadeira também possa me cativar e surpreender ainda mais em meu futuro mestrado.

REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra; SIMÃO, Rosimeire. A psicogênese da brincadeira de papéis sociais e/ou jogo protagonizado na psicologia do jogo de D. B. Elkonin. In.: ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton (orgs). **Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil**. São Paulo: Xamã, 2006. p. 65-88.

BATISTA, Jéssica Bispo; DA SILVA, Mariana Cristina; PASQUALINI, Juliana Campregher. Desenvolvimento do Psiquismo na Idade Pré-escolar: formação da imaginação e requalificação dos processos emocionais. In.: Barroco; Facci; Firbida. **O Desenvolvimento das Funções Psicológicas**. p. 75, 2021.

CARBONIERI, Juliana; EIDT, Nadia M.; e MAGALHÃES, Cassiana. A Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: a gestação da atividade de estudo. **Psicologia Escolar e Educacional**, Londrina, v. 24, p. 1 – 8, 2020.

CHAVES, Kely Cristina Brito. **A brincadeira de papéis sociais e a formação dos afetos na infância**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Pedagogia.2023.

DUARTE, Newton. “Vamos brincar de alienação” A brincadeira de papéis sociais na sociedade alienada. In: ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton; ROSSLER, João Henrique et al. **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**. São Paulo: Xamã, 2006. p. 89-97.

FACCI, Marilda G. D. Os estágios do desenvolvimento psicológico segundo a psicologia sócio-histórica. In.: ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton (orgs.). **Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil**. São Paulo: Xamã, 2006. p. 11- 26.

FAUSTINO, Rosângela C.; Mota, Lucio T. Crianças Indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 38, n. 4, p. 395-404, 2016.

GNOATTO, Patrícia; UMBELINO, Janaína D. Elementos Constituintes da Atividade do Brincar: imaginação e imitação como síntese na ação da criança. **Zero A Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 770 – 795, 2020.

GOÉS, Maria C. R.; Pinto, Gláucia U. Deficiência Mental, Imaginação e Mediação Social: um estudo sobre o brincar. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.12, n.1, p.11-28, 2006.

HAM, Nina de Arruda Botelho van. **O desenvolvimento da brincadeira de papéis sociais na educação infantil**: considerações sobre a atuação docente e os processos de organização do ensino. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Pedagogia2021.

LEONTIEV, Aléxis N. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-escolar. In: VIGOTSKI, L.S.; LÚRIA, A.R.; LEONTIEV, Aléxis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone, p. 119-142, 2010

STEINLE, M. C. B. O Trabalho Pedagógico Presente na Brincadeira de Papéis Sociais a sua Importância para o Desenvolvimento da Imaginação Criadora no Contexto da Educação Infantil. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 110–126, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e Criatividade na infância**. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. A brincadeira e seu papel psíquico no desenvolvimento da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**. p. 23-36, junho de 2008.